

Livro de Resumos

EJICOMP

Organização
APLC e
Grupo Entre Textos
do Centro de Línguas,
Literaturas e Culturas

**III Encontro de Jovens
Investigadores em
Literatura Comparada**

25 e 26 de novembro de 2021

Universidade de Aveiro
Departamento de Línguas e Culturas



Livro de Resumos

EJICOMP


Organização
APLC e
Grupo Entre Textos
do Centro de Línguas,
Literaturas e Culturas

III Encontro de Jovens Investigadores em Literatura Comparada

25 e 26 de novembro de 2021

Universidade de Aveiro
Departamento de Línguas e Culturas

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
Este congresso é financiado por
fundos nacionais, através da Fundação
para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no
âmbito do projeto UIDB/04/188/2020

 **cllc**
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas

AP   **LC**
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

Comissão Organizadora

Odete Jubilado
Maria Cristina Carrington
Maria Teresa Cortez
Paulo Pereira
Eduardo Nunes
Inês Costa
Juliana Gonçalves

Painel de Comentadores

Ana Margarida Ramos
António Andrade
Isabel Cristina Rodrigues
Maria João Simões
Maria Luísa Malato
Reinaldo Silva
Simão Valente

/ PROGRAMA

Primeiro dia - 25 de novembro 2021

sala 2.I.II

9:30 Registo

10:00 Sessão de abertura

11:00 Conferência de abertura

Moderadora: Odete Jubilado | Universidade de Évora

A ecoloxía das linguas como desafío para a literatura comparada

César Domínguez | Universidade de Santiago de Compostela | Espanha

12:30 Pausa para almoço

14:00 > 15:30 PaineI - Interartes & Intermedia: tendências e práticas

Moderador: Paulo Pereira | Universidade de Aveiro

'Nova Musicología Comparada' e Literatura Comparada: novas perspectivas

Alejandro Escobar Mundaca | Pontificia Universidade Católica de Chile | Chile

O canto e a fertilidade em Empfängnis de Zemlinsky

Maria da Paz Gonçalves de Carvalho | Universidade de Lisboa | Portugal

Raul Brandão, da escrita à pintura

Bruno Tiago Cabral | Universidade do Porto | Portugal

Da escrita para a phoné: estudo comparado da obra plástico-instalativa e literária de Nuno Ramos

Irma Caputo | Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Brasil

15:30 > 17:00 PaineI - Poesia em diálogo

Moderadora: Isabel Cristina Rodrigues | Universidade de Aveiro

Teorizar a surpresa em poesia: Wordsworth, Baudelaire e Pessanha

Tiago Filipe dos Santos Soares Valente Clariano | Universidade de Lisboa | Portugal

Surrealismo e Ofício Múltiplo: a gramática do maravilhoso nas dobras da poesia

Ana Isabel Rocha Santos | ILCML - Universidade do Porto | Portugal

A margem absoluta do poético. Aspectos críticos de Eduardo Lourenço e María Zambrano

Antonio Alías | Universidade de Granada | Espanha

A medida da distância em José Agostinho Baptista e José Talentino Mendonça: memória e infância

Paulo César Vieira Figueira | CLEPUL e CEC - Universidade de Lisboa | Portugal

17:00 Coffee-break

17:30 > 19:00 PaineI - Motivos e figuras: revisitações

Moderadora: Maria Teresa Cortez | Universidade de Aveiro

La re-semantización del vampiro mediante la feminidad: Carmilla, de J. S. Le Fanu

Marta Mariño Mexuto | Universidade de Santiago de Compostela | Espanha

A sobrevida da Melusina medieval em Nadja de André Breton

Azzurra Rinaldi | Università degli Studi di Perugia | Itália

O Jardim do Éden e a perspectiva subversiva

Andrea de Fraga Pires Toste | Universidade da Corunha | Espanha

Nzinga Mbandi e a literatura brasileira

Helder Thiago Cordeiro Maia | Universidade de São Paulo | Brasil

20:30 Jantar do Encontro (mediante inscrição)

Segundo dia - 26 de novembro 2021

sala 2.1.11

09:00 > 10:00 Painel IV - Poéticas do espaço: imagens, imaginários, identidades

Moderadora: Maria Cristina Carrington | Universidade de Aveiro

Proposta para uma arquipélogia portuguesa

Francisco Carlos Martins Anjo Dinis Marques | Universidade de Lisboa | Portugal

Os Sketches of society and manners de *Arthur William Costigan* e as invasões napoleónicas

Hélder Mendes Baião | Universidade de Berna | Suíça

O viajante-consumidor: uma leitura baumaniana do desejo em On the road, de Jack Kerouac, e A educação dos gafanhotos, de David Machado

Eduardo Manuel Diogo Nunes | Universidade de Aveiro | Portugal

10:00 > 11:00 Painel V - Intertextualidades

Moderadora: Simão Valente | Universidade de Lisboa

Fernando Pessoa e a literatura indiana

Anil Kumar Yadav | Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Deli | Índia

O exercício metaliterário e intertextual na poesia para a infância e juventude de Álvaro Magalhães

Filipe Manuel Senos Ferreira | Universidade de Aveiro | Portugal

“A alheia humanidade em nós”: a tradução literária como prática intertextual em Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena e Eugénio de Andrade

Elisa Rossi | Universidade de Lisboa | Portugal

11:00 Coffee-break

11:30 > 13:00 Painel VI - Cineliteratura

Moderadora: Maria Eugénia Pereira | Universidade de Aveiro

Acontecimentos de leitura: Pickpocket de João Miguel Fernandes Jorge e a cinematografia de Robert Bresson

Maria Miguel Flor dos Reis | Universidade do Porto | Portugal

O conceito de máscara e de personalidade, criado por Jung, no filme Sommarlek, de Bergman, na poesia ecfrástica de José Miguel Silva e nas cantigas medievais de D. Dinis

Sara Manuela Gonçalves Machado | Universidade do Porto | Portugal

Poética de visibilidades em Lavoura Arcaica (Romance e Filme)

Saulo Lopes de Sousa | Universidade Federal do Rio Grande do Sul & Instituto Federal do Maranhão | Brasil

A construção e desconstrução do Outro no conto “A Menor Mulher do Mundo” (1961) e no filme O Abraço da Serpente (2015)

Lígia Maciel Ferraz | Universidade de Lisboa | Portugal

13:00 Pausa para almoço

14:30 > 16:00 Painel VII - Entre saberes e sinais: leituras intersemióticas e interdiscursivas

Moderadora: Odete Jubilado | Universidade de Évora

Patchworks de São Francisco de Assis: uma reflexão sobre moda, liturgia e santidade

João Maria Nunes Nobre Teixeira de Carvalho | Universidade de Lisboa | Portugal

«Between eternity and time»: a imagética do vestuário em Hadewijch de Brabante (XIII)

Maria Luís Leite Pinho | Universidade do Porto | Portugal

A retórica do poder e a poética da memória a partir de José Cardoso Pires, Gabriel García Márquez e Alberto Méndez

Eduarda Gil Lopes Barata | CHAM - Universidade NOVA de Lisboa | Portugal

Autoria feminina no século XIX: a participação de Ana Plácido (1831-1895) na imprensa portuguesa

Maria Luísa Taborda Santiago | ILCML - Universidade do Porto | Portugal

16:00 > 17:30 Painel VIII - Literatura e ciência: encontros interdisciplinares

Moderador: António Andrade | Universidade de Aveiro

Narrar la enfermedad mental: más allá de la figura del loco

Joan Rodríguez Sapiña | Universidad Complutense de Madrid | Espanha

Imagining worlds in literature and science: works by Paul Valéry, Virginia Woolf and Carlo Emilio Gadda

Nicola Giansiracusa | Universidade de Lisboa | Portugal

Aspectos naturalistas em En la Orilla de Rafael Chirbes

Matilde Barrote Silva | Universidade de Lisboa | Portugal

Elementos narrativos e ficcionais presentes no emergir da consciência humana

Luís Carlos S. Branco | Universidade de Aveiro | Portugal

17:30 Sessão de encerramento

/ CONFERÊNCIA DE ABERTURA

**A ecoloxía das linguas como
desafio para a literatura comparada**

César Domínguez

Universidade de Santiago de Compostela

/ PAINEL I
**INTERARTES & INTERMEDIA:
TENDÊNCIAS E PRÁTICAS**

**'Nova Musicología Comparada' e
Literatura Comparada: novas perspectivas**
Alejandro Escobar Mundaca

**O canto e a fertilidade em *Empfängnis*
de Zemlinsky**
Maria da Paz Gonçalves de Carvalho

Raul Brandão, da escrita à pintura
Bruno Tiago Cabral

**Da escrita para a *phoné*: estudo
comparado da obra plástico-instalativa
e literária de Nuno Ramos**
Irma Caputo

‘Nova Musicología Comparada’ e Literatura Comparada: novas perspectivas

Alejandro Escobar Mundaca (alejandromundaca@gmx.com)

Em 1885, Guido Adler (1981, p. 13) utilizou o termo ‘musicologia comparada’ com o objetivo de comparar “as canções folclóricas de vários povos, países e territórios, [...] agrupando-os e ordenando-os de acordo com a variedade das suas características”. Desde então, muitos etnomusicólogos seguiram esse objetivo investigativo de acordo com os fundamentos da antropologia (Bohman & Nettl, 1991). Na década de 1980, os estudiosos da ‘nova musicologia’ começaram a incluir várias teorias dos estudos culturais, da sociologia, da semiótica, etc., para estudar música não clássica (Leppert & McClary, 1989).

No entanto, a presença crescente de repertório dessa música começou a problematizar os próprios fundamentos da musicologia (Kerman, 1980), identificando um ‘problema de formalismo Schenkeriano’ (Tagg, 1987, p. 281) e uma ‘centralidade notacional’ (Middleton, 1990, pp. 105-106). Ainda assim, o termo *melopoética* foi usado para estudar a relação música-poética na ‘nova musicologia’ (P. Scher, 1999). Embora as raízes da literatura comparada remontem a Plutarco, ela “é muitas vezes definida como o estudo da literatura além das fronteiras nacionais e linguísticas” (Brown, 1970, p. 101) e é nesse âmbito que, em 1948, apareceram os primeiros estudos sistemáticos de música-literária (SP Scher, 1970, p. 148).

O Prémio Nobel de Literatura de Bob Dylan, em 2016, é um bom exemplo do nível com que essas duas disciplinas se fortaleceram. Assim, esta proposta procura responder às seguintes questões: como se beneficiaram e restringiram mutuamente as teorias críticas da musicologia e da literatura comparada? Quão úteis e satisfatórias foram essas análises comparatistas? Como podem eles fazer progredir essa relação metodológica?

Nota curricular:

Investigador ANID de pós-doutoramento na Facultad de Letras de la Pontificia Universidade Católica de Chile. Foi o coordenador da Orquestra Académica Portuguesa, em Lisboa. É doutor pela Universidade de Sussex (2019), mestre em Música pela Universidade de Barcelona (2012) e licenciado em Belas Artes pela Universidade de Chile (2009), onde recebeu também o Título de Intérprete Musical (2010). Ganhou duas vezes o primeiro lugar no Festival Guitarras de América, com as suas próprias composições para guitarra sola: *Tres Aires Nortinos* (2010) e *Tres Pies de Cueca* (2011).

O canto e a fertilidade em *Empfängnis* de Zemlinsky

Maria da Paz Gonçalves de Carvalho (mpaz@campus.ul.pt)

Em 1897, Alexander von Zemlinsky publica a canção *Empfängnis*, em português ‘Conceção’, a partir do poema de Paul Wertheimer. Inserida na tradição do *Lied* romântico, esta canção, enquanto articulação entre música e poesia, poderá ser um ponto de partida para compreender o próprio ato de cantar. O poema de Wertheimer fala-nos de uma experiência divina de concepção. Mas, nele, a apreensão sensível dos objetos e da natureza não permite descurar o lugar do corpo no momento espiritual. A concepção da alma não se dá sem a fertilidade do corpo. Interessa-me, por isso, refletir, tomando também como ponto de vista a posição de Rainer Maria Rilke, admirador de Paul Wertheimer, quando afirma que o “criar espiritual deriva do criar físico”. Neste sentido, e roubando as palavras a Hölderlin, é quando “da nossa língua se soltar a palavra certa” que o encontro com o divino começa. Ao contrário de outras criações artísticas suas contemporâneas, a escolha de Zemlinsky neste poema parece procurar uma esperança na noite, cenário desta concepção. A sua composição musical, apesar de não dispensar alguns dramatismos, busca uma serenidade consonante com o reconforto que o sujeito lírico encontra no momento da concepção. A partir de *Empfängnis*, pretendo explorar a articulação entre a música e a poesia enquanto início do encontro do corpo com o divino.

Nota curricular:

Nascida no Porto, Maria da Paz Carvalho teve, desde cedo, contacto com o estudo da música e da dança. Licenciou-se em Estudos Gerais na Universidade de Lisboa, pela Faculdade de Letras e pela Faculdade de Belas-Artes, onde realizou um *minor* em Expressão Plástica. Em 2017 e 2018, participou no Laboratório de Escrita para Teatro, promovido pelo Teatro Nacional Dona Maria II, de onde resultou a peça de sua autoria *Pode Ser Que Um Dia*. Desde 2019, é monitora da unidade curricular *Textos Fundamentais* na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Na mesma instituição, frequenta, atualmente, o mestrado em Estudos Comparatistas.

Raul Brandão, da escrita à pintura

Bruno Tiago Cabral (btcabral@gmail.com)

Raul Brandão é reconhecido como um dos maiores escritores portugueses do século XX. No entanto, a sua obra de pintura, começada quando já contava mais de 50 anos e ainda que limitada e cerca de 30 óleos, confirma o bom pintor que Raul Brandão poderia ter sido. Durante toda a sua vida escreveu sobre pintura, fosse a resenha de uma exposição de um pintor da época, ou, por exemplo, traçando o perfil artístico do seu grande amigo Columbano em inúmeras passagens da sua obra escrita. Como prova da grande amizade entre estes dois artistas existe inclusivamente um pequeno retrato a óleo, feito por Raul Brandão, mostrando Columbano a pintar no seu atelier. Nesta comunicação, pretendemos mostrar como a relação entre pintura e escrita foi vital no processo artístico de Raul Brandão. Através do diálogo entre estas artes, veremos como a obra pictórica de Raul Brandão foi o desenlace natural de uma tendência desde sempre presente na obra do autor. Pensemos em como uma obra como *Os Pescadores* é o exemplo acabado de um texto literário de contornos pictóricos tão evidentes. Em suma, esta intervenção permite, em certa medida, dar conta do trabalho que estamos a desenvolver em contexto de Doutoramento, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cujo título é *Raul Brandão: um pintor no atelier*.

Nota curricular:

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tem procurado estudar a natureza e sentidos da relação e do cruzamento entre as artes. Nesse âmbito, está atualmente a escrever uma tese sobre a relação entre a pintura e a escrita na obra de Raul Brandão (*Raul Brandão: um escritor no atelier*), sendo membro do ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa). Integrou alguns projetos cinematográficos como compositor, argumentista, produtor e realizador. Colaborou na edição e transcrição do volume IX da edição crítica das *Obras de Fernando Pessoa*, dedicado ao heterónimo Barão de Teive.

Da escrita para a *phoné*: estudo comparado da obra plástico-instalativa e literária de Nuno Ramos

Irma Caputo (irma.caputo@gmail.com)

A presente comunicação pretende mostrar algumas reflexões decorrentes da pesquisa de pós-doutorado em andamento, *Da escrita para a phoné: estudo comparado da produção literária e da obra plástica de Nuno Ramos*, na qual se investigam de forma comparada os procedimentos estéticos aplicados na criação artística de Nuno Ramos, tanto plástica quanto literária, a partir de uma trajetória poética do autor, que parece caminhar em direção a uma estética do som. O objetivo dessa comunicação é trazer três exemplos significativos da produção plástico-instalativa e performática e três excertos retirados da obra literária de Nuno Ramos, com o fim de reconstruir a trajetória poética do autor no uso de expedientes de manipulação sonora, que se dão através de procedimentos tais como a criação de esculturas verbais sonoras, as recriações de situações de audição performativa (Féral *apud* Zumthor, 2007) e a criação de obras polifônicas através da declinação em várias formas do elemento voz. Tentar-se-á mostrar como a recuperação do elemento sonoro e ruidoso se coloca ao centro de uma “virada epistemológica” e como o caráter polifônico e o uso de alguns outros expedientes favorecem leituras/abordagens multilíneas da produção artística de Nuno Ramos como conjunto.

Nota curricular:

Defendeu, em abril de 2020, a tese de doutorado *Ó de Nuno Ramos: traduzir a densidade*, na PUC - Rio de Janeiro, onde atualmente desenvolve a pesquisa de pós-doutorado *Da escrita para a phoné: estudo comparado da produção literária e da obra plástica de Nuno Ramos* pela Faperj, sob a orientação do poeta e tradutor Paulo Henriques Britto. Natural de Nápoles, Irma Caputo estudou língua e literaturas comparadas no Instituto Universitário Orientale de sua cidade de origem. Ao longo de sua carreira acadêmica, teve oportunidade de estudar graças a programas de intercâmbio, na FLUP (Porto) e na UFF (Niterói).

/ PAINEL II
POESIA EM DIÁLOGO

**Teorizar a surpresa em poesia:
Wordsworth, Baudelaire e Pessanha**

Tiago Filipe dos Santos Soares Valente Clariano

**Surrealismo e Ofício Múltiplo: a gramática
do maravilhoso nas dobras da poesia**

Ana Isabel Rocha Santos

**A margem absoluta do poético. Aspetos críticos
de Eduardo Lourenço e María Zambrano**

Antonio Alías

**A medida da distância em José
Agostinho Baptista e José Tolentino
Mendonça: memória e infância**

Paulo César Vieira Figueira

Teorizar a surpresa em poesia: Wordsworth, Baudelaire e Pessanha

Tiago Filipe dos Santos Soares Valente Clariano (tiagoclariano@campus.ul.pt)

A surpresa é característica da grande poesia e pode ser considerada como um sublime em pequena escala. O efeito que a surpresa tem num interpretante é o da redefinição de uma rede de crenças acerca do objeto surpreendente e pode ser enquadrado entre os domínios da psicologia e o da epistemologia. Numa carta a William James, Charles Sanders Peirce refere variedades ativas e passivas de surpresas, umas que dependem de uma percepção que colide com as expectativas e outras que dependem da ausência de quaisquer expectativas.

Em diferentes tipos de produções literárias, Wordsworth, Baudelaire e Pessanha expuseram pensamentos que podem ser organizados em teorias da surpresa, operativas na produção de algumas suas mais interessantes obras (“There was a boy”, “Tout entière” e “Porque o melhor, enfim”, respetivamente). No prefácio às *Lyrical Ballads*, Wordsworth descreve a poesia como “spontaneous overflow of powerful feelings”. Em “Hymne à la Beauté”, Baudelaire descreve a beleza como “montre énorme, effrayant, ingénú”. E Pessanha reage à publicação da sua *Clepsydra* descrevendo uma “comoção da minha vida e da minha surpresa”. A presente comunicação pretende comparar estas três teorias da surpresa enquanto designações de efeitos poéticos funcionais na produção literária destes poetas.

Nota curricular:

Doutorando no programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras, com o projeto *Comoções da surpresa: Uma teoria do inesperado em Camilo Pessanha* (referência FCT: 2020.05089.BD). Licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas, na vertente de Literaturas e Artes, pela Universidade de Évora (2015). Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa, com a tese *A Clepsydra Libertada* (2018).

Surrealismo e Ofício Múltiplo: a gramática do maravilhoso nas dobras da poesia

Ana Isabel Rocha Santos (up201503154@edu.letras.up.pt; ana.isabelrs@hotmail.com)

O panorama cultural e artístico do século XX ficou marcado por uma enorme transversalidade e experimentalismo, exigindo uma ultrapassagem de certos modelos redutores de análise do objeto literário. A diversidade de nexos a serem utilizados para lidar com objetos híbridos do ponto de vista da criação expande a esfera de problematizações que incidem sobre a contemporaneidade, partindo da superação de uma abordagem monodisciplinar e simplista das artes. Os surrealistas, seguindo a premissa de André Breton, viram na poesia a sua força motriz: o choque luminoso das imagens é impulsionado por uma reverberação de objetos desfamiliarizados, e é neste processo que o poema nos dá a conhecer verdadeiramente o real.

Uma vez que a análise de base comparatista exige uma série de leituras transversais, pendulares, oriundas de outras áreas do conhecimento, o presente projeto de investigação passa por uma exploração da complexidade do Surrealismo, enquanto fenómeno artístico e literário, que extravasa fronteiras geográficas e disciplinares. A discussão destes tópicos partirá da apresentação da dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, sobre a obra do poeta e artista plástico Mário-Henrique Leiria, concluída em 2020, para posteriormente ser apresentado o projeto de investigação doutoral em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, que alarga a análise de base comparatista e intermedial a um conjunto de autores portugueses deste período aos quais tem sido dada pouca atenção no panorama académico.

Nota curricular:

Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes – ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais pela mesma universidade, com a dissertação *Para ser visto por uma lente: a imagem de Mário-Henrique Leiria*. É, atualmente, doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos e colaboradora do ILCML-FLUP, onde desenvolve investigação sobre o diálogo interartes no movimento surrealista português dos anos 40 e 50, em conjugação com uma tentativa de revitalizar a obra de poetas de Ofício Múltiplo portugueses deste período, praticamente desconhecidos do público.

A margem absoluta do poético. Aspetos críticos de Eduardo Lourenço e María Zambrano

Antonio Alías (antonioalias@ugr.es)

Para além estabelecer uma imagem crítica da literatura portuguesa, um dos interesses de Eduardo Lourenço como pensador é a compreensão do ato poético como realidade desconforme. Sabendo que os poetas são os que instituem, provavelmente, a verdadeira instância crítica em termos de sensibilidade, Lourenço decide responder à questão da “realidade” a partir da palavra poética, daí resultando uma aproximação crítica de natureza ontológica, bem como uma forma de assunção de certa estética negativa distinta da filosofia. É assim que, em alguns dos seus artigos, aparece a ideia da poesia como acontecimento fundamentalmente crítico, quer dizer, entendendo a *palavra poética* num sentido próximo ao pensamento de María Zambrano – provavelmente através do conhecimento da obra de Ortega y Gasset, o seu Mestre – como precária, num meio social que contemporaneamente se afirma na imagem do cálculo e da utilidade normativa da linguagem. Partindo deste preâmbulo, a comunicação propõe um trabalho comparado, onde serão destacadas as coincidências das preocupações de caráter poético dos dois pensadores, para além das suas respectivas leituras da poesia, em clave nacional. Porque, justamente, o que partilham Lourenço e Zambrano é a advertência de uma decadência da cultura moderna, própria do pensamento crítico, onde a poesia continua a ser expressão de resistência, a partir da sua margem cultural.

Nota curricular:

Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de Granada com a tese de doutoramento intitulada *Formas de la razón herida. Genealogía y transición de la memoria como categoría del pensamiento crítica* (2015). Nesta mesma universidade, fez especialização em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (2009), tendo, em data anterior, concluído a licenciatura em Jornalismo na Universidade de Sevilha (2003). No âmbito português, tem sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (2004 e 2005), assim como estagiário de investigação no Centro de Estudos Comparatistas (CEC/FLUL) da Universidade de Lisboa e no Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) da Universidade do Minho (2018-2019). Atualmente é professor do curso de Literaturas Comparadas na Universidade de Granada (UGR). Os seus interesses no âmbito da investigação focam-se no pensamento crítico em torno do poético, assim como na sua relação com a Teoria e a Estética literárias.

A medida da distância em José Agostinho Baptista e José Tolentino Mendonça: memória e infância

Paulo César Vieira Figueira (paulocv@sapo.pt)

Em José Agostinho Baptista e José Tolentino Mendonça, a memória e a infância misturam-se numa interpretação de tempos idos, e desaguam na transformação ôntica do percurso do sujeito poético, que, por sua vez, se liga a uma segunda etapa, a do conhecimento, pensamento e reflexão, e retorna ao ponto de partida.

“Memória” (José Agostinho Baptista) e “A infância de Herberto Helder” (José Tolentino Mendonça), o *corpus* escolhido, expressam a assunção narrativa da caminhada em que há um “desembaraço” de um tempo que ficou, um tempo revestido de uma ingenuidade palpável e, em simultâneo, conhecedora de um apelo vindouro. O retorno à infância ou, em Agostinho Baptista, o tempo em que o pai é a figura que incute o enfrentar do medo, do desconhecido, poderá configurar-se como uma expiação do passado ou do presente porque aquela memória continua envolvida na alfofa da infância.

Pensando na crença em ficções, o sujeito poético, na sua condição de *homo sapiens*, não descarta a sua faceta de fazedor de fábulas, em que as ficções se encadeiam umas nas outras, desde a longínqua infância, a passagem pelo conhecimento e o olhar sobre a primeira com os olhos da segunda etapa percorrida. O sujeito poético na substituição de uma ficção por outra regressa ao tempo da infância e do mito de uma forma consciente, numa focalização particular da sua insularidade humana.

Nota curricular:

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa (UMa, 2001), mestre em Estudos Interculturais, com a dissertação *Percursos da subjectividade pós-modernista: um contributo para a análise das poéticas de José Agostinho Baptista e Eduardo White* (UMa, 2008), e doutorado em História - Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico Institucional, com a tese *João dos Reis Gomes: Contributo Literário para a Divulgação da História da Madeira* (UMa, 2021). É membro integrado do CEC (Centro de Estudos Comparatistas) e membro do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias).

/ PAINEL III
**MOTIVOS E FIGURAS:
REVISITAÇÕES**

**La re-semantización del vampiro
mediante la feminidad:
Carmilla, de J. S. Le Fanu**
Marta Mariño Mexuto

**A sobrevida da Melusina
medieval em *Nadja* de André Breton**
Azzurra Rinaldi

**O Jardim do Éden e
a perspectiva subversiva**
Andrea de Fraga Pires Toste

Nzinga Mbandi e a literatura brasileira
Helder Thiago Cordeiro Maia

La re-semantización del vampiro mediante la feminidad: Carmilla, de J. S. Le Fanu

Marta Mariño Mexuto (mmarinom@gmail.com)

A veces resulta fácil olvidar que la archiconocida novela *Drácula* (1897), de Bram Stoker, fue publicada solo hace poco más de un siglo y que la literatura vampírica llevaba décadas floreciendo gracias a obras como *The Vampyre* (1819), de J. W. Polidori, o la folletinesca *Varney the Vampire or The Feast of Blood* (1845-47), de J. M. Rymer. Una de las más destacadas fue la novela corta *Carmilla* (1871-72), de Joseph Sheridan Le Fanu. Aunque es reconocida su gran influencia sobre *Drácula* y otras novelas y películas posteriores, la forma en que se presenta al vampiro es muy distinta. Carmilla no es un monstruo movido únicamente por el ansia de conseguir sangre, sino que Le Fanu hace de ella una criatura casi humana, capaz de despertar y albergar sentimientos. El autor irlandés lo consigue valiéndose de la condición femenina del personaje, unido a su belleza y juventud físicas – aunque esta última resulte solo aparente –, características que la alejan notablemente del conde Drácula tal y como lo describe Stoker. Aunque influenciado por las obras inmediatamente anteriores y por los testimonios de monstruosos vampiros centroeuropeos recopilados por Dom Agustín Calmet, Le Fanu lleva a cabo en *Carmilla* una re-semantización de la criatura nocturna a través de su feminidad, abriendo así el camino para un sinfín de obras posteriores que representarían en términos románticos la relación entre víctima y vampiro de forma mucho más explícita. Este proceso es el que nos propondremos estudiar en el presente trabajo.

Nota curricular:

Licenciada em Estudos Clássicos pela Universidade de Valladolid. Mestre em Literatura Espanhola e Hispano-americana, Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de Salamanca. Concluiu recentemente a sua tese na Universidade de Santiago de Compostela. O seu principal campo de investigação é a reescrita do mito antigo na literatura contemporânea. As suas publicações incluem “La transformación del mito en Un hombre que se parecía a Orestes, de Álvaro Cunqueiro” (2018) e “La presencia del mito clásico en ‘To Helen’ (I y II) de Edgar Allan Poe” (2018).

A sobrevida da Melusina medieval em *Nadja* de André Breton

Azzurra Rinaldi (rinaldi30@hotmail.com)

Melusina é uma personagem feérica com origem na literatura medieval latina, cujo modelo se espalhou em diversas outras literaturas, em particular a francesa. As lendas em que aparece a fada Melusina são as dos mitos fundacionais de uma linhagem importante, mantendo uma mesma estrutura: a fada encanta o senhor que, ao quebrar um interdito, provocará o desaparecimento de Melusina. Apesar disso, os dois casam e dessa união nascem filhos do sexo masculino que asseguram a continuidade da linhagem. Uma vez desrespeitado o interdito, a fada desaparece.

Em *Nadja*, de Breton, encontram-se pontos em comum com esta personagem. Na obra, refere-se expressamente que a protagonista se encontra representada à luz do modelo de Melusina. Além disso, a partir da leitura do livro de Breton, é possível rastrear outros pontos em comum com a personagem da fada encantada e até com a história que caracteriza as lendas melusianas. Portanto, se a obra francesa surrealista possui a particularidade de não ter um desenvolvimento típico do romance – ou seja, tudo nela está submetido à casualidade dos eventos –, veremos que o facto de a personagem de *Nadja* se encontrar próxima da figura da Melusina investe o texto de um outro sentido de leitura, em que a casualidade perde um pouco da sua força.

Nesta comunicação, serão mostrados e analisados os elementos que Melusina e a sua lenda partilham com a personagem e a história de *Nadja*, discutindo em que medida esta pode ser considerada uma Melusina.

Nota curricular:

Doutorada em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a tese *O mágico e o demoníaco. Figurações, práticas e efeitos na escrita literária portuguesa dos séculos XIII e XIV*. Frequenta atualmente o Mestrado em Italianística e História Europeia na Universidade de Perugia. (2018). Entre as suas publicações mais recentes contam-se: «Melusine portoghese: la Dama dal piede di capra e Dona Marinha. Personaggi fatati del Libro dei Lignaggi del Conte Dom Pedro» *V Ciclo di Studi Medievali - Atti del Convegno 3-4 giugno 2019*, Firenze, NUME, 2019 e “A Dama de Pé de Cabra: sobrevida de uma personagem medieval portuguesa”, *Colóquio/Letras*, n.º199, Set. 2018.

O Jardim do Éden e a perspectiva subversiva

Andrea de Fraga Pires Toste (axlitling@gmail.com)

O tópico desta apresentação é a pesquisa de como cada uma das três obras da literatura Inglesa *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *Os Filhos da Meia-Noite*, de Salman Rushdie, e *As Laranjas Não São o Único Fruto*, de Jeanette Winterson, estabelecem uma intertextualidade com a história do Jardim do Éden para questionar as metanarrativas impostas pelas respectivas culturas. Estas obras foram escolhidas porque conseguem mostrar como uma história tão enraizada quanto a história do Jardim do Éden é, ao longo do tempo, apropriada pelos três autores que, apesar de influenciados pela cultura inglesa, vêm de ambientes culturais diferentes: a Era Vitoriana, a Índia britânica e a sua influência no período pós-colonização, e o ambiente rígido de uma comunidade Evangélica na Inglaterra dos anos oitenta. A falta de estudos sobre o tema nestas três obras evidencia a relevância desta perspectiva. A perspectiva teórica escolhida é a do Novo Historicismo/Estudos Culturais, porque este método crítico ajuda a revelar como os textos literários opõem a promoção de significados que refletem os interesses dos sistemas ideológicos dominantes e condicionam o modo como os seus integrantes apreendem o mundo. Conclui-se que a intertextualidade com o Jardim do Éden permite a Carroll criticar o aumento do ritualismo na Igreja Anglicana e a sua proximidade à política, a Rushdie questionar a versão oficial de eventos históricos apresentada pelo poder colonial ou o poder político pós-independência, e possibilita a Winterson questionar o que é ensinado como verdade por uma comunidade religiosa.

Nota curricular:

Doutoranda em Estudos Ingleses Avançados: Linguística, Literatura e Cultura, na Universidade da Coruña. Mestre em Literaturas e Culturas Modernas – Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, pela Universidade Nova de Lisboa (2019) e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - Especialização em Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade dos Açores.

Nzinga Mbandi e a literatura brasileira

Helder Thiago Cordeiro Maia (helderthiagomaia@gmail.com)

Neste trabalho apresento o resultado final da minha pesquisa de pós-doutoramento sobre as representações literárias brasileiras de Nzinga Mbandi (1582-1663), Ngola do Ndongo e Matamba. A partir de seis textos literários brasileiros, analiso como esta personagem histórica vem sendo construída por autores brasileiros, com especial atenção para questões de gênero e sexualidade, que vêm sendo silenciadas ou hipervalorizadas a depender dos interesses estético-políticos de autores e narradores. Assim, após breve introdução sobre a presença de Nzinga na cultura brasileira não literária, especialmente no carnaval e na música pop, analiso o poema épico *Quitubia* (1791), de Basílio da Gama, o poema *Lá vai verso* (1859), de Luiz Gama, a novela policial *O trono da Rainha Jinga* (1999), de Alberto Mussa, o conto *A Ginga da Rainha* (2005), de Iris Amâncio, o texto dramático *A comida de Nzinga* (2005), de Aninha Franco e Marcos Dias, e a história em quadrinhos *A Rainha Ginga* (2008), de Roberto Benjamin.

Nota curricular:

Doutor em Literatura Comparada (UFF, 2018), realiza estágio de pós-doutoramento, com bolsa da FAPESP, no Programa de Pós-graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. É pesquisador do NuCuS, da Universidade Federal da Bahia, e pesquisador associado da Red LIESS, da Espanha. É editor da Revista *Periódicus* (UFBA).

/ PAINEL IV
**POÉTICAS DO ESPAÇO:
IMAGENS, IMAGINÁRIOS,
IDENTIDADES**

Proposta para uma arquipélografia portuguesa
Francisco Carlos Martins Anjo Dinis Marques

Os Sketches of society and manners
de Arthur William Costigan e
as invasões napoleónicas
Hélder Mendes Baião

O viajante-consumidor: uma leitura
baumaniana do desejo em
***On the road*, de Jack Kerouac, e**
***A educação dos gafanhotos*, de David Machado**
Eduardo Manuel Diogo Nunes

Proposta para uma arquipélografia portuguesa

Francisco Carlos Martins Anjo Dinis Marques (francisco.marques1@edu.ulisboa.pt)

Propõe-se uma comunicação focada no estudo comparativo das literaturas em português produzidas nos arquipélagos do Atlântico Norte. Consideraremos o campo emergente dos estudos insulares, adaptando-o, através de conceitos como o de *Arquipélografia*, sugerido por Elizabeth DeLoughrey, entre outros, ao estudo do desenvolvimento dos *topoi* das viagens, ilha e insularidade em três obras de dois autores insulares (Madeira e Cabo-Verde) e um peninsular: *Cantigas da Terra Distante* de José Agostinho Baptista, *Exemplos* de João Vário e *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão.

Esta apresentação incidirá sobre a natureza literária da ideia de ilha, ou seja, a forma como, nos casos estudados, esta e os fenómenos subjacentes às mesologias humanas insulares são pensados e representados. Surge isto da necessidade de se compreender o fenómeno literário da insularidade, concebendo-o à luz das realidades das suas manifestações nas ilhas dos arquipélagos da Madeira e Cabo-Verde e no território peninsular português, licenciando-nos para a compreensão das dinâmicas de relação entre conceitos complexos, como o de “ilha”, “ilhéu”, “insularidade”, “arquipélago”, “externalidade”, “identidade” e “nação” que marcam a nossa contemporaneidade.

Procuraremos perceber em que medida podem os estudos insulares ajudar a desenvolver pensamento, no contexto dos estudos comparatistas, sobre as literaturas produzidas no espaço arquipelágico de que nos ocupamos, assim como sobre como estas se relacionam com a literatura peninsular portuguesa, numa relação entendida a partir da literatura-mundo.

Nota curricular:

Mestre em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também se licenciou em Estudos Europeus. Encontra-se a frequentar o Doutoramento em Estudos Comparatistas, ao abrigo de uma Bolsa de Doutoramento da FCT, com uma proposta de tese sobre estudos insulares em português, provisoriamente intitulada *A carne no mar: proposta para uma nissopoética da literatura norte-atlântica em português*. É Membro Júnior do Centro de Estudos Comparatistas e Diretor da Revista *estrema*. Tem participado em várias conferências e possui trabalho publicado no contexto dos Estudos Comparatistas.

Os *Sketches of society and manners* de Arthur William Costigan e as invasões napoleónicas

Hélder Mendes Baião (helder.mendes@rom.unibe.ch)

A primeira edição dos *Sketches of Society and Manners in Portugal in a Series of Letters from Arthur William Costigan* data de 1787. As cartas de Costigan oferecem uma imagem negativa de Portugal, mas que concorda com o que os viajantes tinham vindo a escrever desde o final do século XVII. As cartas foram traduzidas para francês em 1810 e aparentemente passaram por duas edições sucessivas, em 1810 e 1811. Na opinião do tradutor, valeu a pena dá-las a conhecer ao público, apesar da sua severidade, mas também sentiu a necessidade de as expurgar dos seus ataques à religião, ao clero e aos monges. De certo modo, a tradução francesa das *letters* de Costigan é uma *belle infidèle*: uma tradução truncada. A data de publicação da tradução, durante as invasões napoleónicas, também chama a atenção porque mostra o novo interesse que Portugal suscita na opinião francesa e na propaganda napoleónica. Como o mostra a *Relation de l'expédition du Portugal faite en 1807 et 1808* (1817), de Paul-Charles-François Thiébault, as cartas de Costigan ajudaram a formar a opinião francesa sobre Portugal. Nesta comunicação, começar-se-á por delinear as diferenças entre o texto original e a tradução francesa e, numa segunda parte, serão tratados os testemunhos, como o do Barão Thiébault, que retomam a imagem pejorativa de Portugal desenvolvida por autores como Costigan e que legitimaram e justificaram intelectualmente a invasão francesa de Portugal.

Nota curricular:

Investigador da Universidade de Berna e colaborador científico da Universidade do Porto. É especialista no pensamento utópico e republicano do século XVIII e está atualmente envolvido numa investigação sobre a imagem de Portugal na literatura francesa do século XVIII. Na Universidade de Berna, dedica-se também à edição da correspondência de Chrétien Guillaume de Lamoignon de Malesherbes e da Duquesa d'Enville, em colaboração com a Prof.^a Michèle Crogiez Labarthe.

O viajante-consumidor: uma leitura baumaniana do desejo em *On the road*, de Jack Kerouac, e *A educação dos gafanhotos*, de David Machado

Eduardo Manuel Diogo Nunes (emdiogonunes@ua.pt)

No seu livro *Globalization: The human consequences* (1998), Zygmunt Bauman dedica um capítulo – intitulado «Tourists and vagabonds» – à caracterização da sociedade pós-moderna como uma sociedade de consumo movida pelo mecanismo do desejo. No seu entender, o constante desejo de novas sensações (mais do que de novos objetos), a urgência de satisfazer de imediato esse desejo e a incapacidade de perpetuar a sensação de plenitude após a sua satisfação mantêm o consumidor *em movimento* (*on the move*), muito para seu próprio agrado. A presente comunicação propõe uma leitura de *On the road* (1957), de Jack Kerouac, e *A educação dos gafanhotos* (2020), de David Machado, à luz dessa associação (que não é apenas metafórica) entre consumo e mobilidade. A tese é a de que a constante renovação do desejo tanto *move* os consumidores como as personagens-viajantes daqueles relatos. Por isso elas se revelam incapazes de se fixar em qualquer lugar e se orientam por metas pouco nítidas: o mítico Oeste e o impreciso «it», no romance de Kerouac; o vasto Sul e a impossível «viagem depois da viagem», no de Machado. Tendo em conta que as obras em causa se enquadram na moldura genológica do romance de estrada (ou *road novel*), a tarefa proposta permite ainda reponderar o *ethos* de rebeldia associado ao género sob a forma de pergunta: reproduzirão as personagens da narrativa de estrada a lógica consumista de uma sociedade que alegadamente contestam?

Nota curricular:

Estudante do Programa Doutoral em Estudos Literários, na Universidade de Aveiro, e investigador em formação do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas. É licenciado em Português com menor em Estudos Artísticos e mestre em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. A sua investigação de doutoramento, financeiramente apoiada pela FCT (através da bolsa com a referência 2020.05761.BD), intitula-se *O romance de estrada na literatura portuguesa: genologia e genealogia, modernidade e mobilidade*. Entre as suas áreas de interesse académico, encontram-se a literatura portuguesa moderna e contemporânea, os estudos narrativos e os estudos interartes.

/ PAINEL V
INTERTEXTUALIDADES

Fernando Pessoa e a literatura indiana
Anil Kumar Yadav

**O exercício metaliterário e
intertextual na poesia para a infância
e juventude de Álvaro Magalhães**
Filipe Manuel Senos Ferreira

**“A alheia humanidade em nós”: a tradução
literária como prática intertextual
em Sophia de Mello Breyner Andresen,
Jorge de Sena e Eugénio de Andrade**
Elisa Rossi

Fernando Pessoa e a literatura indiana

Anil Kumar Yadav (karsh40@gmail.com)

Fernando Pessoa is usually studied for his relationship with the occidental (western) literature, relating his work to Modernism or to Futurism, or studying his heteronymic thought as manifestation of the plural individual that emerges from Modernity. However, we can also read it through a comparative perspective that values his relationship with Eastern literature, usually with Indian literature, relating his work to the translations of Indian classics that he studied or analysing the translation of philosophers based on Indian philosophical thought, as *Abhijñānaśākuntalam* of *Kālidāsa*, *Mṛcchakaṭikā* of *Śūdraka*, *Vikrama* and *Urvasī*, *Mālatī* and *Mādhava*; *Uttara Rāma Cheritra*, *Gitanjali* by Rabindranath Tagore, *Rigveda* and much more. Some notes were found in his private library about those classics. His heteronymic thought can also be read as a manifestation of central concepts of Vedic and Buddhist thought, such as the advaita philosophy of *Māyā* (illusion), *līlā* (game of life/Divine play), *Śūnyatā* (voidness) or *Siddhi* (soul power). We will try to demonstrate how important the contact of Fernando Pessoa with Indian literature and Vedic thought was, based on the books and notes in his library and a brief comparative study between the texts he read and his poems.

Nota curricular:

Investigador e bolsheiro do Instituto Camões e doutorando na Jawaharlal Nehru University (Nova Deli, Índia) e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde desenvolve uma tese sobre *Os elementos filosóficos da tradição védica e do budismo na obra de Fernando Pessoa*. Completou, no ano letivo de 2017-2018, o curso anual de Língua e Cultura Portuguesa na FLUC. É Mestre em Português pela Universidade de Goa, tendo a sua tese, intitulada *Fernando Pessoa e o Modernismo*, sido distinguida com a Medalha de Ouro do curso de 2014-2016. É licenciado em Física pela Vinoba Bhawe University, em Hazaribagh.

O exercício metaliterário e intertextual na poesia para a infância e juventude de Álvaro Magalhães

Filipe Manuel Senos Ferreira (fsenos@ua.pt)

A metanarratividade, o dialogismo, o *double coding* e a ironia intertextual são características, consabidamente, presentes na literatura pós-moderna. Partindo deste pressuposto teórico, pretendemos analisar a poesia de Álvaro Magalhães – repartida pelos títulos *O reino perdido* (1986), *O limpa-palavras e outros poemas* (2000), *O brincador* (2005) e *Poesia-me* (2016) –, com o intuito de nela perscrutar a presença dos traços acima elencados. Além da reflexão que, em alguns textos de clara feição metapoética, se faz sobre o *labor* artístico e sua utilidade – “O limpa-palavras”, “Mistérios da Escrita” ou “Para que serve a Poesia” são cabais exemplos –, evidencia-se, noutros, certa matriz intertextual que, desde logo, nos remete para temas e motivos do universo pessoano e presencista, designadamente de Carlos Queiroz, como sejam, por exemplo, a nostalgia da infância ou a passagem do tempo. A apreensão destes diálogos intertextuais requer um leitor que seja detentor de uma ampla enciclopédia estética e crítica, facto que nos leva a inferir estarmos, pois, perante a estratégia de *double coding*: além do leitor infantil, com uma competência hermenêutica relativamente limitada, pressupõe-se, também, um leitor-mediador que, provido de cultura leitora, seja capaz de reconhecer as piscadelas de olho do autor, detetando o “mosaico de citações” por que é o texto composto.

Nota curricular:

Frequenta presentemente o Programa Doutoral em Estudos Literários na Universidade de Aveiro, onde completou também o Mestrado em Estudos Editoriais, com uma dissertação intitulada *Entre a arte e os números: Eça de Queirós & Companhia Ficcional*. É licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas pela mesma Universidade. Desenvolve investigação na área dos estudos da edição e da literatura portuguesa e desempenha funções docentes no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, lecionando unidades curriculares de *Língua Portuguesa II*, *Portugal: Geografia e História e História da Europa*. Além disso, colabora, desde 2019, como e-professor, no MOOC da Universidade de Aveiro, ApPT-UA, *Aprender Português com a UA*.

“A alheia humanidade em nós”: a tradução literária como prática intertextual em Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena e Eugénio de Andrade

Elisa Rossi (erossi@edu.ulisboa.pt)

O projeto a apresentar, assente numa perspetiva comparatista, procura analisar as obras poéticas traduzidas por Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena e Eugénio de Andrade como parte integrante das suas práticas intertextuais.

A escolha do *corpus* em análise é justificada por diferentes motivos. Em primeiro lugar, trata-se de autores que dedicaram à tradução grande parte da sua experiência artística, sendo que todos a consideram como uma fase no seu processo criativo e parte integrante das suas poéticas. Para além disso, a densa correspondência epistolar entre os três – uma constante partilha de opiniões, críticas e projetos editoriais – representa um ponto de vista privilegiado para investigar este encontro de poéticas, tanto nos textos “originais” como nas obras de tradução. Por último, Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena e Eugénio de Andrade apresentam frequentemente um recurso à prática intertextual: grande parte dos seus textos, tanto em prosa quanto em verso, estabelece diálogos com textos anteriores da tradição literária. Este facto pode aproximar o que é convencionalmente considerado como prática intertextual com textos traduzidos e, deste modo, ajudar-nos a compreender e a integrar o papel da tradução no paradigma intertextual.

A comunicação focar-se-á no enquadramento crítico-metodológico a utilizar para desenvolver o projeto; face à dificuldade em definir e investigar o processo intertextual, será apresentada uma proposta de método, com a intenção de ouvir e discutir possíveis alternativas.

Nota curricular:

Frequenta o primeiro ano do curso de Doutoramento em Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É licenciada em Filologia Moderna pela Faculdade de Pavia, com uma tese intitulada *Per Aroldo in Lusitania di Ruggero Jacobbi: prime analisi strutturali e stilistiche* (2017). Prosseguiu os estudos no curso de Literaturas Modernas na Faculdade de Genova, tendo aí defendido a tese intitulada *Sophia de Mello Breyner Andresen traduttrice: scelte stilistiche e nodi intertestuali* (2019). É responsável pelas recentes traduções e curadorias das edições italianas de *Chão de Oferta* (Ruy Duarte de Carvalho, Iguazu Editora, 2020) e de *Geografia* (Sophia de Mello Breyner, San Marco dei Giustiniani, outubro de 2021).

/ PAINEL VI
CINELITERATURA

**Acontecimentos de Leitura: *Pickpocket*
de João Miguel Fernandes Jorge e
a cinematografia de Robert Bresson**
Maria Miguel Flor dos Reis

**O conceito de máscara e de
personalidade, criado por Jung,
no filme *Sommarlek*, de Bergman, na
poesia efrástica de José Miguel Silva
e nas cantigas medievais de D. Dinis**
Sara Manuela Gonçalves Machado

**Poética de visibilidades em
Lavoura Arcaica (Romance e Filme)**
Saulo Lopes de Sousa

**A construção e desconstrução do Outro no
conto “A Menor Mulher do Mundo” (1961)
e no filme *O Abraço da Serpente* (2015)**
Lígia Maciel Ferraz

Acontecimentos de Leitura: *Pickpocket* de João Miguel Fernandes Jorge e a cinematografia de Robert Bresson

Maria Miguel Flor dos Reis (maria.freis95@gmail.com)

A presente proposta de comunicação parte da dissertação de mestrado intitulada *Acontecimentos de Leitura: Pickpocket de João Miguel Fernandes Jorge e a cinematografia de Robert Bresson*. O estudo realizado na dissertação visa analisar o livro *Pickpocket*, de João Miguel Fernandes Jorge, a partir de três questões fundamentais: a importância da intermedialidade na escrita de Fernandes Jorge, bem como o diálogo interartístico presente no livro; a tensão texto/imagem que o livro abre e as características do cinema bressoniano; e as relações ecfrásticas, quer na poesia de *Pickpocket*, quer no cinema de Robert Bresson.

João Miguel Fernandes Jorge é um autor português em constante diálogo com as artes visuais e, por isso, torna-se fundamental realçar esta relação do autor com as artes, de forma a compreender o seu fascínio em transportar para a escrita um determinado tipo de cinema, isto é, um cinema de estilo depurado. Ao mesmo tempo, a tensão entre imagem verbal e imagem gráfica, no livro, afeta o leitor, permitindo-nos explorar uma ideia de imagem do leitor. Por outras palavras, da tensão entre texto e imagem surgirá uma terceira imagem.

Por fim, a poesia de Fernandes Jorge dialoga com o cinema bressoniano sobretudo através do processo ecfrástico. O leitor tanto se depara com versos que remetem para determinada sequência ou plano (descrição ecfrástica) como, de repente, se depara com versos ou poemas que privilegiam uma digressão pelas imagens bressonianas. Por outro lado, o cinema bressoniano permite-nos propor uma relação com a pintura e a escultura.

Nota curricular:

Licenciada em História e Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com uma dissertação intitulada *Acontecimentos de Leitura: Pickpocket de João Miguel Fernandes Jorge e a cinematografia de Robert Bresson*. É autora de um verbete publicado na enciclopédia digital Ulysse@s (ILCML) e obteve o primeiro prémio no concurso literário Alimentação e Futuro (ALIMENTOPIA) com o conto intitulado “Despojos da noite, Ração do dia” (ILCML-CETAPS).

O conceito de máscara e de personalidade, criado por Jung, no filme *Sommarlek*, de Bergman, na poesia ecrástica de José Miguel Silva e nas cantigas medievais de D. Dinis

Sara Manuela Gonçalves Machado (s.a.goncalvesmachado@gmail.com)

O filme *Sommarlek*, de Ingmar Bergman, parece abordar a temática da máscara como ocultação da identidade, como forma de disfarçar algo. Nesse caso, Marie, a protagonista do filme, irá utilizar a arte, especificamente a dança, como máscara para esconder e esquecer a sua tristeza pela morte de Henrik, o seu namorado da adolescência. Essa forma de arte poderá ser comparada ao teatro, principalmente ao greco-latino, e ao uso das suas máscaras na comédia e na tragédia. Partindo do conceito de máscara artística, que pretende ocultar a real identidade do artista para mostrar um mundo de ficção, aceite pelo espectador, iremos também abordar o conceito de máscara como o via Carl Jung, e o modo como nele se inscrevem as suas noções de personalidade e identidade, de acordo com as quais a personalidade é a máscara e a identidade o que se esconde por baixo dela, podendo nunca se saber o que realmente lá está – ou se alguma identidade é a verdadeira e mesmo se há verdade – numa época marcada pela pós-verdade.

Faremos ainda uma comparação com o poema de José Miguel Silva “*Sommarlek – Ingmar Bergman (1951)*”, do livro *Movimentos no Escuro*, que mantém uma relação intermedial inevitável com o filme e com o conceito de máscara e personalidade, vista por Jung, mas também intertextual com cantigas galego-portuguesas de D. Dinis, visto que, elas próprias, parecem também já abordar o conceito de máscara artística na Idade Média.

Nota curricular:

Licenciada em Estudos Portugueses pela Universidade do Minho, tem uma especialização em Estudos Medievais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e frequenta o Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, especialização em Estudos Comparatistas e Relações Interculturais, também na FLUP. Irá iniciar, no ano letivo 2021/2022, o Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade do Minho. Tem realizado investigação na área da cronística e da estilística medievais aplicadas a Fernão Lopes, tendo já realizado algumas conferências sobre o tema, dedicando-se também a desenvolver investigação na área da Literatura Comparada.

Poética de visibilidades em *Lavoura Arcaica* (Romance e Filme)

Saulo Lopes de Sousa (saulo.sousa@ifma.edu.br)

O processo de hibridização das tessituras artísticas é fenômeno indelével do século XXI. As teorias críticas da contemporaneidade, como os Estudos Interartes (Dizin, 2012; Casa nova, 2010; Clüver, 1997), postulam a confluência de mecanismos comuns a diferentes âmbitos estéticos, fazendo com que interajam expressões de naturezas distintas, como as adaptações cinematográficas, pinturas, músicas e danças. Desse frutuoso intercâmbio, pode-se mencionar o entrecruzamento possível entre literatura e imagem, em específico, o expediente da escrita literária em apossar-se do status imagético, tanto no plano estético, quanto no plano da recepção. Isso posto, toma-se um recorte do filme *Lavoura Arcaica* (2001), de Luiz Fernando Carvalho, em diálogo com o romance homônimo de Raduan Nassar (2016), para se pensar a potência da literatura em dar a ver imagens. A partir de revisão bibliográfica, pautada em teorias acerca da Literatura Comparada e da Teoria da Adaptação, empreende-se pesquisa qualitativa, que analisa a visibilidade como valor, intrinsecamente, literário, em cujo *corpus* audiovisual se consolida a relação dialética entre palavra e imagem (Calvino, 1990) e, *stricto sensu*, a iconicidade da escrita literária (Christin, 2006). Diante desse quadro, esta proposta de comunicação enseja o debate acadêmico da interface entre literatura e outras porções estéticas, uma vez que explorar universos outros de expressão amplia o âmbito da análise literária a instâncias multidisciplinares que as artes, como um todo, proporcionam. Por fim, o trabalho filia-se ao Grupo de Estudos Literários e Imagéticos – UEMASUL e ao Grupo de Pesquisa Langage & Cathasis – IFMA.

Nota curricular:

Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG Letras/UFRGS), membro do Grupo de Pesquisa *Langage & Catharsis* (IFMA) e do Grupo de Estudos Literários e Imagéticos (GELITI/UEMASUL). Docente do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Em 2019, teve o poema “Travessia” selecionado no Concurso Nacional Novos Poetas, Sarau Brasil 2019, para compor a obra *Antologia poética, Sarau Brasil 2019*, da Vivara Editora Nacional. Dedicase a investigações acerca da iconicidade da palavra literária, na perspectiva interartística, a partir da obra do diretor Luiz Fernando Carvalho para cinema e televisão.

A construção e desconstrução do Outro no conto “A Menor Mulher do Mundo” (1961) e no filme *O Abraço da Serpente* (2015)

Lígia Maciel Ferraz (ferrazligia@yahoo.com.br)

O conto de Clarice Lispector, “A Menor Mulher do Mundo” (1961), e o filme de Ciro Guerra, *O Abraço da Serpente* (2015), exploram as dinâmicas entre quem investiga e quem é investigado dentro de um modelo de conhecimento eurocêntrico e convocam-nos a um debate sobre as relações de poder e a construção e desconstrução do Outro. Segundo Aníbal Quijano, a Europa, enquanto parte de um novo padrão de poder mundial, teve sua hegemonia concentrada a partir da imposição do domínio colonial através da expropriação das populações colonizadas, da repressão das formas de produção de conhecimento dos colonizados, e da coerção dos colonizados para aprenderem a cultura dos dominadores e, assim, haver a reprodução da dominação. Em ambas as obras, no centro da narrativa estão personagens historicamente vistos como sendo o Outro em relação ao europeu ocidental. No conto, essa personagem é Pequena Flor, pigmeia, negra, e da África Equatorial; já no filme, é Karamakate, um indígena que vive isolado na Amazônia colombiana. Lispector e Guerra promovem em suas obras uma crítica ao modelo de conhecimento hegemônico ao dar voz a personagens que, de formas distintas, provocam nos agentes desse modelo de conhecimento reflexões acerca do modo de investigar e de se relacionar com outros sujeitos. Assim, o propósito desta comunicação é comparar como as obras trabalham essas dinâmicas de dominação, como acontece a construção e a desconstrução de Pequena Flor e Karamakate, e como fica o modelo de conhecimento eurocêntrico após essa desconstrução.

Nota curricular:

Mestranda em Estudos Comparatistas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e graduada em Comunicação Social – Cinema e Vídeo pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Palhoça, SC, Brasil).

/ PAINEL VII
**ENTRE SABERES E SINAIS:
LEITURAS INTERSEMIÓTICAS
E INTERDISCURSIVAS**

***Patchworks* de São Francisco de Assis:
uma reflexão sobre moda, liturgia e santidade**
João Maria Nunes Nobre Teixeira de Carvalho

**«*Between eternity and time*»:
a imagética do vestuário em
Hadewijch de Brabante (séc. XIII)**
Maria Luís Leite Pinho

**A retórica do poder e a poética da
memória a partir de José Cardoso Pires,
Gabriel García Márquez e Alberto Méndez**
Eduarda Gil Lopes Barata

**Autoria feminina no século XIX:
a participação de Ana Plácido (1831-1895)
na imprensa portuguesa**
Maria Luísa Taborda Santiago

Patchworks de São Francisco de Assis: uma reflexão sobre moda, liturgia e santidade

João Maria Nunes Nobre Teixeira de Carvalho (joaomariacarvalho@campus.ul.pt)

No dia 14 de maio de 2021, os estilistas Dolce e Gabbana publicaram, no *Messaggero di Sant'Antonio*, um artigo dedicado ao hábito de São Francisco de Assis, intitulado «L'abito perfetto». Do hábito de Francisco, hoje conservado na Sala das Relíquias da Basílica de Assis, Dolce e Gabbana exaltam «a simplicidade dos materiais, a cor intensa da terra, a silhueta limpa, mas ampla e cómoda», em total concordância com a vida pobre e despojada de Francisco de Assis, detendo-se com especial atenção na profusão de remendos que compõem a túnica do Santo, numa técnica muito próxima do *patchwork*. O artigo de Dolce e Gabbana abre espaço a uma discussão sobre a relação entre a moda e a santidade, que, no âmbito bem distinto do *Siglo de Oro* espanhol, Florence Delay explorou em *Haute Couture* (2018). Esta relação é tanto mais explícita, no caso franciscano, se considerarmos, entre os escassos escritos de Francisco, um conjunto de orações destinadas a complementar a celebração da Liturgia das Horas: *os Louvores a dizer antes de todas as horas e o Ofício da Paixão do Senhor*. À semelhança do seu hábito, também estas composições são colagens de versículos bíblicos, colhidos por Francisco de Assis em diferentes salmos, gerando novos poemas, utilizados na Liturgia das Horas. Nesta comunicação, procuro explorar o modo como uma mesma técnica, o *patchwork*, está presente no hábito de São Francisco, a sua veste de todos os dias, e no entretecer poético de formas litúrgicas, a sua oração de todas as horas.

Nota curricular:

Frequenta o mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também leciona, como Monitor, a cadeira de Textos Fundamentais. É cronista da secção de cultura do *Ponto Sf*. Em 2019, concluiu a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, na mesma Faculdade. Venceu, em 2018, o Prémio Prof. Doutor Joaquim Manuel Cerqueira Gonçalves da Revista *Philosophica* (CFUL). De momento, dedica-se a pensar a relação entre a teologia, a literatura e a filosofia, tendo especial interesse por Francisco de Assis. Neste sentido, publicou «Biografia do Louvor: vida e cântico de Francisco de Assis», na revista *Brotéria: Cristianismo e Cultura*, 192-2 (2021).

«Between eternity and time»: a imagética do vestuário em Hadewijch de Brabante (séc. XIII)

Maria Luís Leite Pinho (mariapinhosh@hotmail.com)

Hadewijch de Brabante, beguina flamenga do século XIII, assoma como uma das maiores pensadoras espirituais da Idade Média. A sua produção escrita, integrando poemas rimados, poema estróficos, cartas e visões, vincula-se não menos a um alto teor espiritual do que literário, inaugurando uma forma de expressão deveras inusitada. De facto, o seu *modus loquendi* articulará dito e não-dito, instaurando um modo de dizer místico que, por não se fixar senão no Divino que o consubstancia, fará a eternidade irromper naquela que é a temporalidade própria do discurso humano. Na presente comunicação, propomo-nos examinar o papel que a imagética do vestuário ocupa na tessitura da obra, bem como o modo como o uso de tais imagens promove o momento do encontro entre humanidade e deidade, isto é, a União Mística. Neste sentido, refletir-se-á sobre a vasta uberidade de tais recursos de estilo, procurando compreender a forma como estes se implicam no processo místico. Neste sentido, a imagética do vestuário ocupará justamente o lugar de passagem para o Absoluto, acabando por fazer transitar a própria textualidade em ato performativo do encontro com Deus.

Nota curricular:

Licenciou-se em Estudos Portugueses e Lusófonos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo vindo a tornar-se Mestre em Estudos Medievais, ainda na mesma instituição. É atualmente investigadora do Instituto de Filosofia, bem como do CITCEM, e bolsreira FCT de doutoramento, frequentando o primeiro ano do Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos. A sua investigação reflete sobre temas sobretudo ligados à espiritualidade e mística femininas, da época Medieval e da Idade Moderna, procurando uma abordagem transdisciplinar, de modo a visar uma mais profunda e plena auscultação dos seus objetos de estudo.

A retórica do poder e a poética da memória a partir de José Cardoso Pires, Gabriel García Márquez e Alberto Méndez

Eduarda Gil Lopes Barata (eduardabarata@fcs.unl.pt)

O século XX foi o século das ditaduras e das guerras. Além do fascismo em Itália, do nacional-socialismo na Alemanha e das duas guerras mundiais que devastaram o mundo, vários conflitos e regimes repressivos deixaram um largo manto de ruínas e traumas. São exemplos, entre outros, a ditadura militar e Estado Novo em Portugal, as ditaduras da América Hispânica, a Guerra Civil de Espanha e o Franquismo. Esta comunicação propõe uma análise, no âmbito dos Estudos Literários Comparados, da retórica do poder repressivo e das ditaduras, do medo e da censura, a partir de algumas obras literárias de três autores: o português José Cardoso Pires (1925-1998), o colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014) e o espanhol Alberto Méndez (1941-2004).

Irei examinar a subversão dos discursos de poder opressivo, por meio da ironia ou do grotesco em *El otoño del patriarca*, de García Márquez, ou *Alexandra Alpha*, de Cardoso Pires, como o medo e o silêncio são trabalhados enquanto armas invisíveis do poder em *Los girasoles ciegos*, de Alberto Méndez, e *Dinossauro Excelentíssimo*, de José Cardoso Pires, ou como a memória da censura perpassa nas obras destes três autores, como tema, motivo ou “técnica de golpe”, para citar um ensaio de Cardoso Pires. Exporei também como as obras destes autores se leem enquanto poéticas da memória, isto é, registos de memórias e traumas tão marcados no imaginário social e individual que criaram um conjunto de símbolos e signos característico, ousando desafiar os códigos e mitos da “identidade nacional”.

Nota curricular:

Investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade NOVA de Lisboa. Concluiu a licenciatura e o mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas na mesma instituição, nas variantes de Alemão-Inglês e Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos. A sua dissertação de mestrado intitula-se *Bestiários dispersos nas obras de Gabriel García Márquez, Horacio Quiroga, José Cardoso Pires e Miguel Torga*. Do seu doutoramento em Estudos Literários Comparados, na mesma instituição, resultou a tese *A retórica do poder em Dinossauro Excelentíssimo de José Cardoso Pires e El otoño del patriarca de Gabriel García Márquez* (2020).

Autoria feminina no século XIX: a participação de Ana Plácido (1831-1895) na imprensa portuguesa

Maria Luísa Taborda Santiago (marialuisa.taborda@gmail.com)

A imprensa ocupou um papel incontornável no século XIX, visto que era através dos jornais e periódicos que as comunicações e informações circulavam entre os leitores. No que diz respeito à literatura, podemos confirmar que grandes escritores daquela época tinham participação ativa na imprensa oitocentista com seus escritos. Num século muito marcado pelo patriarcalismo, Ana Plácido foi uma das mulheres que ousou aventurar-se pelas letras, escreveu romances, crônicas, críticas, poemas e foi presença constante na imprensa portuguesa do século XIX. Apesar disso, seu nome, salvo em raras exceções, só é citado em manuais de história da literatura quando associado a aspetos biográficos do escritor Camilo Castelo Branco, com quem foi casada. Nesta comunicação, vamos discutir sobre a produção literária de autoria feminina oitocentista, tendo como base a vida e a obra da escritora Ana Augusta Plácido e sua participação na imprensa portuguesa do século XIX.

Nota curricular:

Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre e doutoranda em Estudos Literários Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto, onde integra o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, como investigadora não doutorada, no grupo Intersexualidades. Atualmente é colaboradora de um projeto de pesquisa Luso-Brasileiro que pretende publicar as obras completas da escritora portuguesa oitocentista Ana Plácido, objeto de estudo da sua tese de doutoramento.

/ PAINEL VIII
**LITERATURA E CIÊNCIA
ENCONTROS
INTERDISCIPLINARES**

**Narrar la enfermedad mental:
más allá de la figura del loco**
Joan Rodríguez Sapiña

**Imagining worlds in literature and
science: works by Paul Valéry,
Virginia Woolf, and Carlo Emilio Gadda**
Nicola Giansiracusa

**Aspectos naturalistas em
En la Orilla de Rafael Chirbes**
Matilde Barrote Silva

**Elementos narrativos e
ficcionais presentes no emergir
da consciência humana**
Luís Carlos S. Branco

Narrar la enfermedad mental: más allá de la figura del loco

Joan Rodríguez Sapiña (joan.sapinya@gmail.com)

A lo largo de la historia de la literatura la figura del loco ha servido con diversos propósitos, dado que, por un lado, la enfermedad mental ha presentado una caricatura, deformación o crisis de la sociedad humana y, por otro lado, el loco se ha alzado como una voz o conciencia crítica que busca una redefinición y un cuestionamiento de la realidad (Sánchez Blake, 2009; Sass, 2014; Barbetta, 2018). La enfermedad mental asociada a “lo peligroso” (Urios, 2018) o a la genialidad (Leyra, 2006) han sido los moldes sociales y/o literarios sobre los que se ha representado en la mayoría de ocasiones a la figura del loco, si bien siempre marcada con un estigma. No obstante, la emergencia de las literaturas del *yo* y los relatos autobiográficos de escritores sobre su propio tránsito y vivencia de diferentes enfermedades mentales supone un salto cualitativo en la imagen social y literaria sobre estos trastornos. Asimismo, el contexto sociocultural derivado de la pandemia global del COVID-19 ha subrayado la importancia de conceder un espacio público a la salud mental. Desde perspectivas y experiencias diferentes se expone en este trabajo la imagen de la persona con una enfermedad mental, con los ejemplos recientes del libro *Fármaco* (2021), de la escritora española Almudena Sánchez, y de *Hambre* (2021), del conocido rapero español Toni Mejías. Con la primera obra nos adentramos en la experiencia de la depresión, mientras que con la segunda se relata la toma de conciencia del trastorno alimentario de la anorexia.

Nota curricular:

Licenciado em Filologia Hispânica pela Universidade de Alicante e pós-graduado em Literatura Comparada e Estudos Culturais pela Universidade de Valência. É atualmente doutorando em Linguística Teórica e Aplicada na Universidade Complutense de Madrid. É professor de Espanhol Língua Estrangeira (ELE) em Portugal desde 2012, tendo, neste país, exercido funções em diversas instituições universitárias: ISCAP-IPP, UTAD, IPB.

Imagining worlds in literature and science: works by Paul Valéry, Virginia Woolf, and Carlo Emilio Gadda

Nicola Giansiracusa (nicola.giansiracusa@edu.ulisboa.pt)

The research that I will present is devoted to the study of the relationships between literature and physics in the period of the major discoveries that revolutionised the field, namely atomic theories, relativity, and quantum theories. I will focus on three main authors: Paul Valéry (1871-1945), Virginia Woolf (1882-1941), and Carlo Emilio Gadda (1893-1970). The core concept will be the literary notion of “storyworld,” and the authors’ possibility of using, blending, and tampering with the ontological and epistemological premises provided by science to construct their own fictional worlds. Particular attention will be dedicated to the role of imagination, as the analysed texts will be considered as guides to produce vivid mental images of the worlds they describe and the events they narrate.

I will adopt the theoretical model of the “field of force,” designed by Katherine Hayles, in order to filter the possible sources for the authors’ scientific knowledge. However, as anticipated, the ideation of a storyworld will be regarded as an unlimitedly free act of creation, and the relations entertained with scientific depictions of the universe as complexly entangled. Moreover, the link between the fictional and the scientific will be researched in the two senses, as imaginative procedures will be acknowledged both in the official physical models and methods and, more widely, in their popularisations, where the theories’ abstract mathematical treatment had to be replaced by common-sense representations.

Nota curricular:

Licenciado em Humanidades pela Università degli Studi di Pavia (Itália) e Mestre em Estudos Italianos, Culturas Literárias Europeias e Linguística pela Università di Bologna (Itália). Em 2019/2020, foi admitido no Programa Internacional de Doutoramento em Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, com uma bolsa da FCT (PD/BD/150450/2019). A sua investigação, desenvolvida sob a orientação da Prof.^a Ângela Fernandes, centra-se nas relações entre física e literatura em autores modernos, especialmente Carlo Emilio Gadda, Virginia Woolf e Paul Valéry.

Aspectos naturalistas em *En la Orilla* de Rafael Chirbes

Matilde Barrote Silva (matb_silva@hotmail.com)

O objetivo desta comunicação é sugerir uma leitura do romance *En la Orilla* (2013), de Rafael Chirbes, apontando para a presença contemporânea de aspetos naturalistas, sistematizados por Émile Zola no final do séc. XIX.

A minha análise de *En la Orilla* derivará de vários pontos de contacto com o naturalismo do séc. XIX. Em primeiro lugar, analisarei o uso de linguagem vulgar e jargão aliado a uma abordagem direta a temas controvertidos, como o sexo, a violência e a morte. Em segundo lugar, comentarei o impacto da figura paterna na vida e no futuro de Esteban, a personagem principal da obra. Este aspeto remete para a importância dada pelo naturalismo não só à hereditariedade, mas também à influência do meio social e do momento histórico no desenvolvimento do indivíduo. Em terceiro lugar, focar-me-ei na relação entre o ser humano e a natureza, que, neste romance de Chirbes, oscila entre uma tentativa de domínio e a derrota. Por um lado, através da tecnologia, o ser humano transforma a paisagem, adequando-a às suas necessidades, vingando num meio que à partida lhe seria hostil. Por outro lado, a violência e a decadência da humanidade são múltiplas vezes associadas a uma natureza animal, que o ser humano não consegue suplantar.

Por fim, ao distinguir determinismo de fatalismo, defenderei que a formulação contemporânea destes conceitos naturalistas introduz uma ideia de sentimento trágico que enriquece a leitura da obra de Chirbes.

Nota curricular:

Frequenta atualmente o segundo ano do Mestrado em Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi também na FLUL que, em 2019, completou uma licenciatura em Artes e Humanidades, com um *major* em Artes e Culturas Comparadas. No ano letivo de 2017/2018, através do programa Erasmus, estudou em Toulouse, França, na Universidade Jean Jaurès, onde prosseguiu a aprendizagem da língua francesa e os estudos no campo das interartes. Encontra-se, atualmente, a redigir a sua dissertação de mestrado intitulada *Aspetos do naturalismo em narrativas europeias contemporâneas - Determinismo e trágico em Os Cus de Judas, En la Orilla e Sérotonine*.

Elementos narrativos e ficcionais presentes no emergir da consciência humana

Luís Carlos S. Branco (lcrsb@campus.ua.pt)

Este trabalho insere-se no campo amplo da interseção entre os Estudos Literários e as Ciências Cognitivas. É uma área já com uma assinalável tradição e solidificação, espoletada, na passagem do século XX para o século XXI, por alguns trabalhos seminais, como as obras *The Literary Mind: The Origins of Thought and Language* (1996), de Mark Turner, e *Consciousness and The Novel: Connected Essays* (2002), de David Lodge. Assim, com base nas postulações sobre a Consciência, preconizadas pelo neurocientista António Damásio, pretendo assinalar os elementos narrativos e ficcionais presentes nos seus mecanismos internos. Qual a relação entre Consciência e Ficção? De que modo a narratividade e a ficcionalidade estão presentes nos processos de emergência da Consciência? Estas são algumas das questões primaciais que pretendo abordar na minha exposição.

Nota curricular:

Bolseiro de doutoramento pela Universidade de Aveiro, no Departamento de Línguas e Culturas. A sua tese de doutoramento em Estudos Culturais, presentemente em curso, intitula-se *O Cinema da Consciência: David Lynch à Luz da Neurofilosofia de António Damásio*. Apresentou várias comunicações e publicou diversos trabalhos nas suas áreas de interesse, nomeadamente em Estudos de Música Pop-Rock, Estudos Fílmicos e Literatura e Cultura Portuguesa. Como dramaturgo e poeta, representou Portugal em diversos certames literários e teatrais internacionais e tem obra dispersa publicada.

